Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910)

Game and sports in Contemporary Portugal (1870-1910)

Ricardo Serrado

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2425>

DOI: 10.4000/cultura.2425

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2014

Paginação: 219-251

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Ricardo Serrado, « Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910) », *Cultura* [Online], Vol. 33 | 2014, posto online no dia 29 abril 2016, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2425> ; DOI : 10.4000/cultura.2425

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910)

Game and sports in Contemporary Portugal (1870-1910)

Ricardo Serrado

O problema

- 1 Na actualidade, o desporto surge-nos como uma das actividades principais do ser humano, não só nas sociedades mais desenvolvidas, como também nos países mais pobres do Mundo. Basta olharmos para os Jogos Olímpicos, ou para os mundiais de futebol desde a década de 50 para entendermos a força e a centralidade social do desporto.
- 2 O desporto arrasta multidões, “enlouquece” milhões de pessoas e leva facilmente um país ou uma sociedade a uma histeria colectiva. É um fenómeno único, complexo, diversificado, mas ainda pouco estudado no mundo académico, não obstante os trabalhos pioneiros de grande valor de Jorge Crespo, Manuela Hasse, Vítor Costa, Nuno Domingos, Irene Maria Vaquinhas, Manuel Sérgio, Alberto Trovão do Rosário, entre alguns outros. Tendo em conta a diversidade do fenómeno, a sua centralidade social, as ambiguidades que ainda suscita e a sua complexidade, considero, no entanto, que são ainda muito escassos os trabalhos sobre a temática, nomeadamente sobre a sua definição conceptual, ou sobre a ligação ubíqua que o desporto tem com novas representações da relação do corpo com a mente surgidas ao longo do século XIX.
- 3 Assim, apesar da sua proeminência social secular, o conceito de desporto é, porém, ainda difícil de definir. Não existe, aliás, um consenso actual sobre a sua definição conceptual. Muitos autores referem-se ao desporto sem se compreender muito bem quando é que os seus limites conceptuais se misturam ou se distanciam do conceito de jogo, ou de educação física, ou até mesmo de motricidade humana.¹
- 4 Apesar da sua ambiguidade conceptual, sabemos que o desporto engloba hoje conceitos como: movimento, competição, resultado, *record*, esforço, exercício, entre outros.

Segundo Pierre de Coubertin, “o desporto é o culto voluntário e habitual do exercício muscular intensivo...”² Apesar de não corroborar totalmente esta definição, penso que o fundador dos Jogos Olímpicos modernos está mais ou menos perto daquilo que, genericamente, se pode considerar como desporto nos dias de hoje.

- 5 De uma forma muito generalizada, e até popular, o desporto é, fundamentalmente, *exercício físico*, embora possam existir desportos que não abarquem esta definição genérica. Mas a definição popular é importante para entendermos como uma determinada sociedade pensa ou representa um determinado conceito. Embora não haja grande rigor conceptual na definição que apresentámos, podemos considerar sem grandes problemas que a sociedade actual vê o desporto, de um modo, como o *exercício físico voluntário*.
- 6 As questões que se colocam são, essencialmente, três: 1. o desporto teve sempre esta conotação com o exercício físico? 2. Qual a diferença entre jogo e desporto? 3. Quais os objectivos e a função do desporto na contemporaneidade?
- 7 Para responder a estas questões, importa analisar o contexto histórico de quando surge o desporto de que somos descendentes (designado ao longo do texto, também, por desporto moderno), observando as funções para que nasceu, os seus principais objectivos e características, no último quartel do século XIX. Esta análise, crucial para entender conceptualmente o significado de desporto, visa fundamentalmente compreender a evolução que se vai realizar no decorrer desse século, de um desporto aristocrático, secular, virado para as artes da guerra, próprio de uma elite aristocrática ostensiva de uma forma muito particular de se comportar e de se movimentar, para um desporto moderno (de que somos contemporâneos), mais democratizado, tendo o corpo como pedra angular e funções educativas completamente diferentes, até antagónicas, do desporto aristocrático. Veremos que, apesar de serem conceitos diferentes, não podemos falar de desporto sem falar de *educação física*, de *ginástica* e de *higiene*. Todos estes conceitos têm denominadores comuns – são indissociáveis –, embora se nos apresentem com conteúdos conceptuais distintos na contemporaneidade.
- 8 Do ponto de vista cronológico, o trabalho que se apresenta centra-se entre 1870 e 1910, o período que considero de charneira para a implementação do desporto moderno em Portugal, não obstante poder recuar a obras icónicas anteriores a esse período, como é o caso da referência, a meu ver obrigatória, à primeira obra conhecida sobre educação física em Portugal, da autoria do médico Francisco de Mello Franco, designada *Tratado da Educação Física dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa* e datada de 1789.
- 9 Chamo a atenção para o facto de, ao longo deste trabalho, poder utilizar o termo *desporto* para designar actividades que não concebemos hoje como tal (como tourada, caça, torneios medievais, entre outros), mas que, no respectivo período, ou tinham uma conotação, em língua portuguesa, com a palavra *depôrte* (vocábulo arcaico para desporto), ou abarcavam características inerentes ao conceito de desporto aristocrático, como divertimento ou jogo. No entanto, devemos ter presente que, quando falamos de desporto antes do século XIX, estamos a falar de actividades que pouco ou nada têm a ver com as que conhecemos como tal, embora a ideia de “desporto” abarque, desde pelo menos o século XVI, alguns ingredientes que o acompanham até aos dias de hoje. Por isso, apesar de todas as diferenças conceptuais que devemos ter em atenção, não é de todo descabido falar de desporto antes do século XIX sempre que falamos de actividades que envolvam divertimento ou jogo, embora o conceito actual de desporto compreenda algo mais.

O Portugal de Oitocentos: a fome, a miséria e a “civilização do corpo”

- 10 Durante a segunda metade do século XVIII e por todo o século XIX viveu-se um pouco por toda a Europa um sentimento que envolvia a ideia de que a espécie humana tinha degenerado devido, fundamentalmente, ao sedentarismo e à exclusiva aposta na educação intelectual. Com a defesa dos Estados entregues a militares profissionais, a população entregava-se muitas vezes à ociosidade e ao sedentarismo, já que, segundo esta perspectiva, não existia razão para exercitar o corpo. A primazia da alma em detrimento do corpo, do intelecto em relação ao físico, fazia com que o corpo fosse profundamente desvalorizado e até repudiado a favor daquilo que diferenciava o ser humano dos outros animais: a racionalidade.
- 11 O fim do absolutismo e a ascensão, não só do liberalismo mas também do conhecimento científico, vão instaurar um novo tipo de sociedade, assente em valores, concepções, modelos e ideias completamente diferentes, muitas vezes até antagónicos, dos do Antigo Regime. Apesar de tardiamente, Portugal vai sofrer estas consequências no decorrer do século XIX, sobretudo na segunda metade. A nova ordem que se pretendia, crítica dos costumes aristocráticos seculares e assente na democratização dos costumes e do poder, leva à necessidade de as autoridades públicas portuguesas controlarem, na passagem do século XVIII para o XIX, os corpos, devido à miséria, à fome, às doenças e à falta de higiene com que então se vivia no país. A miséria social a que se assistia, devido em grande medida ao menosprezo que se dava ao corpo, a propagação de doenças e a fome afectavam o equilíbrio social, os valores que se pretendiam instaurar e, consequentemente, a integridade do corpo social – o mesmo é dizer do País. Isto é, a miséria com que vivia a maioria da população portuguesa de Oitocentos, os seus costumes retrógrados, a sua falta de higiene faziam com que o corpo social nacional fosse afectado e não se sustentasse num crescimento desejável, assente no progresso, na higiene e no desenvolvimento. Perante este cenário pintado de fome, de doenças, de miséria e de definhamento físico, as autoridades, mas também os eruditos, vão tentar impor medidas reformadoras, contribuindo para uma recuperação do corpo individual e, subseqüentemente, do corpo social, através da educação física.
- 12 Nos finais do século XVIII, segundo o médico Francisco de Mello Franco, em Portugal as crianças “quase todas morrem no berço”.³ Com efeito, a sociedade portuguesa vivia, em muitos casos, em condições deploráveis, com hábitos de higiene prejudiciais, com modelos comportamentais e rituais nocivos à saúde, com um corpo definhado e exposto a todo o tipo de carências alimentares e de doenças. Segundo alguns, os portugueses eram “um dos povos mais tristes da terra”⁴ devido a muitos dos costumes que imprimiam ao seu quotidiano. A sociedade lusa de Oitocentos vivia, efectivamente, em grande miséria e era assolada por inúmeras doenças que se instalavam nos corpos, a maior parte deles com carências de todo o género e enfermidades que, na sua maioria, eram incuráveis à época e traziam profundo sofrimento, como a lepra, mal antigo mas ainda então muito preocupante.
- 13 As estações do ano eram, aliás, propícias a doenças específicas: no Verão e no Outono abundavam as febres; no Inverno, as anginas e os reumatismos; e na Primavera, a asma e alergias de toda a espécie, embora fosse uma estação em que algumas doenças atenuavam

ou estagnavam. Como afirma Jorge Crespo: “A população vivia num estado de depressão física que permitia a regressão da doença”.⁵

- 14 Neste contexto, as epidemias transformavam-se, em Portugal, no início do século XIX, num verdadeiro assunto de Estado. As instituições e autoridades públicas lutavam por combater estes males, sendo que os mendigos, vadios e vagabundos eram erradicados da sociedade devido ao medo do contágio de doenças. Numa sociedade ainda tremendamente católica e supersticiosa, as epidemias eram vistas como castigo de Deus.⁶ Como tal, os mendigos eram excluídos socialmente e encerrados muitas vezes em lazaretos. O facto de os cemitérios estarem, muitas vezes, dentro das cidades, com os corpos enterrados a pouca profundidade e em locais desaconselháveis, era outro dos motivos para as doenças da população.
- 15 As deficiências na higiene e as lacunas na alimentação apresentavam-se como as principais causas de doenças, o que levava a que os teóricos fizessem da higiene pública objecto das suas reflexões. A higiene era deplorável, mas os maus hábitos mantinham-se teimosamente, nomeadamente na resistência em adoptar um método clínico inovador – a vacina. De facto, a superstição, a religiosidade e os maus hábitos mantinham-se como as principais causas da não-evolução da sociedade portuguesa, que se mantinha presa a costumes prejudiciais à sua saúde. A polícia portuguesa surgia neste contexto com a responsabilidade de controlar a difícil situação pública do país ao nível da higiene. A portaria de governo de 24 de Outubro de 1812 assim o anunciava. Em 1813 nasce a Junta de Saúde com o objectivo de intervir na saúde pública portuguesa.
- 16 Na transição do século XVIII para o XIX, os portugueses tomavam, portanto, consciência da necessidade de conhecer as realidades do seu corpo e de, urgentemente, o valorizarem. Como nos diz Jorge Crespo: “Os eruditos criticavam a desorganização da vida quotidiana das populações e apontavam, no quadro da regeneração moral sugerida, as soluções que condiziam ao homem novo, diferente, capaz de dar respostas às exigências do desenvolvimento requerido. E sob a tutela de um Estado cada vez mais disposto a exercer o controlo da situação, os educadores e médicos, com apoios das entidades policiais, desde logo revelaram, na teoria e na prática, que o local privilegiado da mudança era o corpo, as atitudes e comportamentos ligados ao principal meio de expressão do homem”.⁷
- 17 Ao processo que se assiste no período em questão, que envolveu uma nova noção do organismo humano, na qual o corpo saiu extremamente privilegiado, chamou, oportunamente, Jorge Crespo de “civilização do corpo”. A civilização do corpo “era um instrumento de luta desencadeada especialmente pelos estratos sociais mais cultos da vida portuguesa, que dispunham de conhecimentos técnicos e científicos atualizados...”.⁸
- 18 Depois de séculos em que o corpo foi secundarizado e até mal tratado, ligado ao mundano e ao pecado, em detrimento da alma – ligada ao divino –, o século XIX será aquele em que se ganhará a consciência de que o corpo tem de ser regulado e desenvolvido de forma a atingir uma saúde mais robusta e um equilíbrio social desejável. Neste sentido, o corpo transformava-se no instrumento fundamental na luta contra os desregramentos, e defendia-se uma vida menos voltada para o prazer e mais para o trabalho; uma vida não só virada para o desenvolvimento intelectual, mas também para o desenvolvimento do corpo na sua totalidade.
- 19 Cresce e desenvolve-se igualmente a ideia de que os corpos eram susceptíveis de se transformarem, excluindo-se a hipótese da rígida condição social hereditária, tal como era pensado anteriormente. Nesta sociedade em mudança os homens eram avaliados,

contrariamente ao que sucedia no Antigo Regime, pela sua utilidade social – por aquilo que poderiam fazer com vista ao progresso e ao desenvolvimento social e económico. Por seu turno, a luxúria e a ociosidade, típicas do Antigo Regime, eram profundamente condenáveis. No limiar do século “era a sobriedade dos costumes bem como o valor do trabalho que dominavam as mentalidades”.⁹

- 20 Assim, surge a ideia da implementação de um novo sistema educativo com incidência no corpo, de forma a eliminar os gestos excessivos “perniciosos à desejada economia de energias e às exigências da moral e da civilização”.¹⁰ Desta feita, a saúde pública era vital para o progresso, para o aumento da população – sinal de desenvolvimento –, enfim, para o desenvolvimento de Portugal enquanto nação, etc.
- 21 A educação física surge neste contexto no sentido de criar um Homem novo, numa sociedade diferente, virada para o progresso, para a democratização e para o conhecimento científico. Para além de “uma sólida formação moral, baseada no autocontrolo e no escrupuloso respeito pelos outros, o que se recomendava, também, era um programa de exercícios corporais que pudessem contribuir para o vigor do espírito, na perspectiva do *mens sana in corpore sano*”.¹¹ “Adquirindo um conhecimento da realidade portuguesa, havendo a consciência dos perigos resultantes da prática de excessos e dispondo-se a um apetrechamento teórico razoável, as autoridades lançaram-se num projecto de regeneração concebido à escala nacional”,¹² no sentido de colaborarem em conjunto no estabelecimento e no reforço de um código único de comportamento que permitisse a regeneração física da população portuguesa.
- 22 Esta dinâmica havia de dar origem em Portugal, no último quartel do século XIX, não só à integração da ginástica no ensino oficial (embora na prática isso não acontecesse), mas também à modificação de alguns comportamentos, bem como à introdução de novas modalidades desportivas e ao desenvolvimento de novas práticas higiénicas.
- 23 Neste quadro de valorização do corpo, num contexto de profundo sentimento de decadência fisiológica, seria na educação física que a sociedade se deveria alicerçar, pois seria nela que estariam o futuro e o progresso dos corpos – a cura para a degeneração das raças. Em poucas palavras, a educação física aparece nos finais do século XVIII com a função nuclear de fortalecer o corpo e, desta forma, de oferecer a coesão social desejável.
- 24 Veremos mais à frente que será a necessidade de fortalecimento físico, com vista a uma vida mais saudável, aliada a uma nova concepção do organismo humano, nascida entre os séculos XVII e XVIII,¹³ que irá dar origem em Portugal, durante o século XIX, a novos padrões educacionais que irão assentar no cultivo e no robustecimento do corpo, primeiro através da ginástica e, depois, através de modalidades desportivas introduzidas no país na viragem para o século XX, as quais designaremos por desporto moderno.

Um novo olhar sobre o corpo: educação física, ginástica e higiene

- 25 Numa Europa mergulhada num sentimento decadentista mas dominada cada vez mais pelo conhecimento científico, nascem e desenvolvem-se em alguns países várias escolas de ginástica, com a função vital de recuperar os homens e mulheres esqueléticos, doentes e depauperados que então se considerava existirem. A uma sociedade doente, que se sentia poder acabar definhada, pedia-se uma cura. A cura seria a educação física. Pretendia-se instaurar uma nova ordem e formar um Homem novo, distante dos costumes

arcaicos do Antigo Regime responsáveis “pela degeneração dos costumes e pelos defeitos do corpo”¹⁴ e capaz de, voluntariamente, fugir aos malefícios das sociedades modernas e vertiginosas e, desta feita, se tornar mais forte e apto. Desejava-se que o Homem se tornasse mais responsável pelo seu destino, acreditando-se que a sua herança biológica pudesse ser diferente, no sentido em que o corpo já não dependeria apenas da herança mas do cuidado que se deveria ter com ele. Este pensamento – de libertação do determinismo hereditário – será fundamental para o desenvolvimento da educação física e para uma melhor higiene.

- 26 Mas também neste aspecto Portugal vai apresentar-se como um país atrasado relativamente à realidade europeia, manifestando-se como uma nação com elevada mortandade, altos níveis de pobreza e miséria e uma taxa de analfabetismo assustadora (a rondar os 70% no fim do século XIX); um país resistente à introdução de novas práticas, de novos comportamentos e de novos modelos; um país profundamente supersticioso, arreigado a velhas e desactualizadas práticas, onde a mocidade era, segundo Alfredo Dias (1887), “na maior parte anémica, escrupulosa, ou tuberculosa...”;¹⁵ uma população grande parte dela com sujeitos “enfizados, sem músculo”, com aspecto “doentio e triste... sem energia e sem vida, envelhecidos de todo”.¹⁶
- 27 Influenciadas pelas correntes europeias, nomeadamente por Ling, criador da Ginástica Sueca, mas também pelos pensadores que estão na base da educação física moderna, Jean-Jacques Rousseau, John Locke e, numa certa perspectiva, Charles Darwin, entre outros, serão várias as personalidades que se dedicarão a apresentar uma solução para o definhamento do “povo” português. Esta solução passava pela introdução e institucionalização da educação física, que deveria ser, inicialmente, aplicada por métodos de ginástica, mas também por uma radical mudança de comportamentos e de rotinas, também elas integrantes daquilo que se considerava ser uma boa educação física.
- 28 É nos finais do século XVIII que se conhecem os primeiros escritos sobre a temática em território português. Para além da obra pioneira, que aqui já mencionámos, de Francisco Franco de Mello, chega até nós, do mesmo período, outra que merece alguma relevância, apesar de não ser originalmente portuguesa. De autor que não conseguimos apurar, o *Tratado da Educação Física e Moral das Crianças de Ambos os Sexos*, traduzido para português por Luís Carlos Moniz Barreto em 1787, falava de uma série de hábitos que se deveriam implementar, e outros que se deveriam corrigir ou evitar. A educação física compreendia neste período, não aquilo que hoje, e mesmo no final do século XIX, significa, mas *um conjunto de preceitos que se deveriam adquirir para uma vida saudável*, compreendendo a educação física propriamente dita – isto é, do corpo propriamente dito – mas também a educação moral e intelectual, bem como outros hábitos inerentes à higiene. Assim, a educação física em finais do século XVIII não implicava apenas o exercício físico *per se*, mas também uma série de medidas que envolviam: a dieta, o vestuário, o exercício, a educação moral, o comportamento, a postura, a habitação, a ventilação, o banho, a gravidez, o sono, entre outras. Este livro visava essencialmente mudar radicalmente os costumes e os comportamentos da sociedade – ainda muito arreigada aos modelos do Antigo Regime.
- 29 Inseridos numa sociedade de charneira, os finais do século XVIII, onde os modelos do Antigo Regime ainda se faziam sentir, os exercícios que o autor sugere como fulcrais para uma boa conduta e para uma boa saúde são ainda, naturalmente, a esgrima e a dança – actividades claramente aristocratas que mais tarde serão secundarizadas e desvalorizadas. Para além daqueles exercícios corporais, a educação moral e intelectual

era imprescindível – estudo da língua, matemática, física, armas, música, religião, filosofia, equitação, esgrima –, e nos fins do século XVIII enquadrava-se no conceito amplo que era a educação física.

- 30 Em 1790, o médico Francisco de Mello Franco, no seu *Tratado da Educação Física dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa*, defende a urgência em fazer um levantamento sobre estudos relacionados com a educação física, coisa que em Portugal ainda não existia. Preocupava-o a má educação e a má formação das crianças portuguesas, que nasciam e viviam em tão míseras condições. Para o efeito, Franco vai lançar algumas bases de comportamento para as mães e os pais aplicarem, não só nos seus filhos desde que nascem, mas também neles próprios; o autor tocava ainda pontos tão fundamentais como a gravidez ou a amamentação. Para ele, a educação física era essencial para um bom desenvolvimento: “Todos terão tido ocasiões de observar, que de um pai cheio de enfermidades, nunca nasceu um filho robusto: outro tanto digo da mãe, e logo preciso que para uma criança ser vigorosa, seus pais também o sejam, condição essencialmente necessária”.¹⁷
- 31 É neste período que alguns conceitos nucleares no âmbito do desporto ganham uma importância determinante na sociedade contemporânea, adquirindo significados muito semelhantes àqueles que utilizamos nos dias que correm, como *higiene*, *ginástica* e *educação física*. Estes três conceitos são fundamentais para compreender a génese e a função do desporto moderno.
- 32 A higiene seria, segundo a revista *Biblioteca do Povo e das Escolas*, de 1882, “a arte de conservar a saúde. Por esta simples definição se vê quanto é elevado o seu fim, qual é a sua influência no bem-estar da educação e da vida do Homem, e que importância ela deve ter no viver social”.¹⁸ É, segundo esta perspectiva, um ramo da medicina que “trata de conhecer as diversas influências que sobre a vida e a saúde humana exercem os meios em que o organismo vive...”.¹⁹
- 33 Etimologicamente derivada do grego *hygieinos* – “de maneira sã” – e escrita durante o século XIX *hygiene*, *higiene* pode ser considerada na actualidade, o “conjunto de práticas e princípios que visam preservar e melhorar a saúde; asseio”.²⁰ É a “parte da medicina que visa à preservação da saúde e ao estabelecimento das normas e preceitos para prevenir doenças”; ou o “Conjunto de condições que conduzem ao bem-estar e à saúde; limpeza, asseio. Limpeza corporal”.²¹ É claro que o conceito de higiene não difere na actualidade daquilo que comportava na segunda metade de Oitocentos.
- 34 A educação física estava, durante o século XIX, intrinsecamente ligada ao melhoramento do organismo, não só numa perspectiva de aperfeiçoamento físico *per se* mas também de apuramento das qualidades intelectuais, possuindo nesta altura, curiosamente, um significado bastante amplo, ligado à totalidade do corpo. Nos dias que correm, a educação física possui um significado muito semelhante, embora alguns autores lhe atribuam uma função sobretudo ligada ao físico, desligada do intelectual; é o caso da definição do *Dicionário de Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa*, que define a educação física como uma “disciplina escolar que tem como objectivo promover o desenvolvimento de capacidades motoras e corporais através da prática desportiva”.²² Já o dicionário *Michaëlis* define a educação física segundo um conceito no qual o corpo é total: a educação física é uma educação “que consiste em formar hábitos e atitudes que promovam o desenvolvimento harmonioso do corpo humano, mediante instrução sobre higiene corporal, mental e mediante vários e sistemáticos desportos e jogos”.²³ Embora me reveja mais na segunda definição, penso que não andarei muito longe da realidade se disser que a primeira definição é aquela que vulgarmente se associa à educação física

actual – virada essencialmente para o exercício motor metódico e pedagógico –, ainda que a educação física pensada no meio académico esteja, tendencialmente, mais próxima do conceito antigo – virado para um amplo conjunto de exercícios que compreendem a totalidade do corpo.

- 35 Do grego “*gymnatike* – a arte da ginástica, por via culta”,²⁴ o conceito de ginástica estava, no século XIX, preso aos de educação física e de higiene. A ginástica era a arte que se deveria praticar na lógica de uma boa educação física, isto é, de uma boa higiene. Inexistente em alguns dicionários de língua portuguesa no início do século XIX, em 1874 o *Dicionário Enciclopédico ou Novo dicionário da língua portuguesa*, de Araújo Correia Lacerda e José Maria de Almeida, define “gymnastica” como a “parte da higiene que trata de todos os exercícios e da influência destes sobre a economia animal; a arte de exercitar o corpo para o fortificar”.²⁵ Em 1891, numa altura em que a ginástica estava mais divulgada, o *Dicionário de Língua Portuguesa*, de António Moraes Silva, diz-nos que: a “Arte dos exercícios do corpo divide-se em 3 ramos: ginástica militar, atlética e medicinal. Parte da higiene que trata de todos os exercícios e da influência que têm sobre a economia animal. [...] ciência cujo fim é fazer adquirir aos membros do corpo qualidades que não tem por natureza, ou desenvolver as faculdades que possuem, por meio de exercícios mais ou menos violentos”.²⁶ Vale a pena ler ainda a explicação de Paulo Lauret, professor destacado de ginástica na segunda metade do século XIX, do que é a ginástica: “A ginástica é uma parte da ciência higiénica que se ocupa dos movimentos para proporcionar a saúde e a robustez a todo o ser que constitui o Homem”.²⁷ Agrupada em vários ramos, ginástica significa na actualidade a “arte ou prática desportiva que tem por objectivo desenvolver, fortificar e adestrar o corpo”.²⁸
- 36 Parece-me claro que os três conceitos analisados, amplamente difundidos na segunda metade do século XIX e cruciais para se compreender o desporto moderno, possuem, salvo algumas pequenas diferenças, fortes correlações com aquilo que é a educação física, a higiene e a ginástica contemporâneas.
- 37 A grande proposta de uma educação física à escala nacional havia de surgir, em 1823, na obra *Ideias sobre o Estabelecimento da Instrução Pública*, de Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque. Este defendia que²⁹ a “existência, independência e felicidade [do homem] estão na razão directa do desenvolvimento das suas faculdades morais, intelectuais e físicas, [sendo] dever do governo formar estabelecimentos ginásticos em cada freguesia”.³⁰ Porém, apesar dos esforços de diversas personalidades, oriundos dos mais diversos quadrantes sociais, é certo que a educação física demora a ser introduzida em Portugal. No período entre 1862 e 1895, foi, aliás, como verificou Manuela Hasse, “marcada por uma orientação militar e acrobática”,³¹ pouco ligada à função pedagógica e educativa que se pretendia.
- 38 Devemos assinalar, no entanto, algumas excepções. Em 1834, D. Pedro IV, depois de ter visitado a Casa Pia de Lisboa, “tendo notado o fraco aspecto físico e pouca higiene dos seus alunos, resolveu introduzir o ensino da ginástica, chamando a Lisboa um discípulo de Amoros, com o objectivo de estabelecer na Casa Pia uma Escola Nacional de Ginástica”.³² Porém, devido à ambição do projecto, o mesmo acabou por ser abandonado. Em 1835, no entanto, a Casa Pia constrói o primeiro ginásio que se conhece em Portugal apetrechado de aparelhos para a arte de acrobática, graças à persistência do seu administrador-geral, António Maria Couceiro. Durante todo o século XIX, não obstante alguns períodos menos profícuos e, eventualmente, sem actividade, é certo que não só a Real Casa Pia de Lisboa institui a educação física nos seus planos de estudo, como ainda aquela instituição de

caridade social se dota da primeira estrutura desportiva de que há conhecimento em Portugal. Em 1862 temos conhecimento da construção de outro ginásio, no Instituto Industrial e Comercial, e em 1865 o Colégio Militar, talvez por influência da Casa Pia, integra o ensino de ginástica nos seus programas de ensino.

- 39 Até ao último quartel do século XIX, como referiu Hasse, apesar das tentativas de alguns em implementar uma educação física virada para a componente educativa (a ginástica racional, como se designava, contraposta à ginástica acrobática), a única forma de ginástica a desenvolver-se em Portugal de forma mais ou menos consistente é a acrobática, de cariz circense, que viria a ser muito criticada no último quartel do século por não corresponder àquilo que deveria ser a educação física desejável: “É sabido que a ginástica de fantasia, a de aparelhos, pode sim embasbacar as multidões anónimas; pode ser uma fonte de receita para o indivíduo que a isso se dedica; pode finalmente servir para uma glória absolutamente efémera, mas nunca será preferida como modo de vida...”.³³ Uma das mais importantes instituições desportivas portuguesas da altura, o Real Ginásio Club Português, fundado em 5 de Janeiro de 1878³⁴ por Luís Monteiro, vai, inclusive, dedicar-se até ao final do século à ginástica acrobática, entregando-se apenas no virar do século à ginástica racional de cariz educativo, como observou José Pontes: “Os seus espectáculos de predilecção eram os do circo. Conviviam com os ‘artistas’”.³⁵
- 40 Em praticamente todo o contexto europeu, a ginástica só ganhará um definitivo impulso a partir de 1870, após o conflito militar que opôs a Prússia e a França. Constatando-se a supremacia física dos prussianos, que no seu país praticavam afincadamente a ginástica, em relação aos franceses, supostamente mais débeis, a maior parte dos povos europeus, mas em especial o francês, vai desenvolver a ginástica como forma de robustecimento da sua população. Com efeito, a vitória prussiana em 1870 vai dar um decisivo impulso, não só à educação física francesa, que após esse ano apostará fortemente na sua institucionalização, como à educação física na Europa, designadamente em Portugal, onde se verificará um certo estímulo da ginástica a partir de 1880.
- 41 No último quartel do século XIX destaca-se em Portugal, entre outros, Paulo Lauret na divulgação da ginástica metódica. Professor de ginástica e ex-aluno da Casa Pia, vai ser um dos impulsionadores mais relevantes da ginástica em território nacional, inclusivamente no género feminino, para o qual, segundo Lauret, a ginástica acabava por ser mais importante, já que o ventre feminino também seria favorecido por esses benefícios. Paulo Lauret foi ainda director do primeiro jornal desportivo de Portugal – *O Gymnasta*, fundado em 1878, em Lisboa – e director de uma série de escolas e cursos de ginástica no país, tendo em 1883 dado à estampa o *Guia para o Ensino da Ginástica nas Escolas do Sexo Feminino*.
- 42 Numa sociedade europeia ainda muito marcada pela educação intelectual em detrimento da educação do físico, mas onde a ideia de corpo ao serviço do progresso era já algo evidente, o exercício físico aparecia como a única forma de equilibrar o corpo e o espírito dos excessos da sociedade moderna. Durante a segunda metade do século XIX desenvolve-se, no contexto internacional e com alguma intensidade em alguns círculos intelectuais, a ideia darwinista (hoje aceite integralmente pela Ciência) de que o homem está sujeito às mesmas leis físicas e orgânicas que os animais. Deste modo, começa-se a defender a aplicação de alguns métodos científicos na criação de animais, numa ideia que chega a Portugal em 1887, entre outras formas, através do livro do filósofo darwinista Herbert Spencer, *Da Educação Moral, Intelectual e Física*. Segundo Spencer, já que as leis orgânicas são iguais em homens e em animais, “as generalizações originadas da experiência e das

observações realizadas sobre os animais tornam-se úteis ao Homem”.³⁶ Desenvolve-se, igualmente, a ideia de que o corpo e a mente dependem mutuamente um do outro, pelo que não se pode desprezar nenhuma das partes. Herbert Spencer diz-nos, neste sentido, que a “vida física [deveria] ser o fundamento necessário da vida intelectual, [pois] a inteligência não deve ser desenvolvida à custa do físico...”.³⁷

- 43 Desta forma, a partir sensivelmente de 1870, intensifica-se uma campanha de fomentação do papel fulcral da educação física, capaz de curar uma sociedade definhada. No entanto, apesar de se verificar alguma evolução, é certo que entre 1870 e 1890 o cenário social português era ainda algo atrasado, tanto do ponto de vista da pouca aderência ao exercício físico, como do ponto de vista das condições de vida.
- 44 Nesta conjuntura, onde apenas algumas iniciativas privadas pareciam preocupar-se com a educação física, eram várias as críticas aos poderes públicos, algo abstraídos desta realidade. Mas não eram só os poderes públicos que mereciam críticas. A própria sociedade portuguesa era alvo de rasgadas reprimendas, por parte dos mais eruditos, pelo desprezo que concediam à educação física. A reacção negativa da sociedade em geral inscrevia-se, entre outras causas, no facto de existir uma ideia generalizada de que a ginástica era uma actividade de acrobatas e de palhaços de circo. Por outro lado, o facto de Portugal continuar a ter uma sociedade resistente e presa a padrões morais algo retrógrados não ajudava à introdução de novos costumes. Como nos diz uma senhora no final do século XIX: “não criei meu filho para pelotiqueiro, é muito fraquinho, coitadinho, não quero que se distraia dos seus estudos, isso não serve para nada, eu vivi sem essa toleima e cheguei a velha [...] não quero o meu filho aleijado”.³⁸ Por seu turno, a enorme quantidade de população que vivia em extremas dificuldades fazia com que essas mesmas pessoas não pudessem despender qualquer tempo na prática de uma actividade física que não fosse o trabalho árduo para sobreviver diariamente.
- 45 Esta resistência social pode ser comprovada em vários livros e artigos de jornal a partir, fundamentalmente, de 1870. Em 1872 Augusto Filipe Simões diz-nos: “[à] maior parte da gente repugnam os exercícios ginásticos. A uns parecem prejudiciais, porque desconhecem seus salutareos efeitos; a outros ridículos, porque as pessoas sérias não se ocupam de semelhantes exercícios; a muitos, enfim, impróprios de moços bem-educados, mas de arlequins e acrobatas”.³⁹
- 46 Seis anos depois, António Menezes, no jornal *O Gymnasta*, dizia que “neste bocado de terra, colocado na parte ocidental da Europa, e a que se chama Portugal, faz-se geralmente uma triste ideia da ginástica. Em todas as classes da sociedade se encontra quem desdenhe dela como valendo pouco, e este é o maior número”.⁴⁰
- 47 Em 1880, porém, foi aprovado um programa governamental de ensino de ginástica para uso das escolas normais, o que espelha alguma preocupação da monarquia com a causa da educação física nacional. No entanto, esse projecto não logrou os seus objectivos, encontrando-se em 1887 “num estado primitivo”, sem “uniformidade nem método”, ausente de “um programa outorgado pelo qual os professores” se devessem regular.⁴¹
- 48 No final do século, à medida que a ginástica sueca se ia desenvolvendo como uma das mais aplicadas na Europa e se defendia o desenvolvimento de uma ginástica metódica, aumentavam exponencialmente as críticas à ginástica acrobática e de cariz circense. Afirmava-se nesta altura, num período em que se acentuava o sentimento generalizado de decadência nacional – um sentimento colectivo que acreditava que a raça portuguesa estava a definhar e que a sua única salvação era a prática da ginástica racional e do

desporto (do *sport* como no final do século se vai dizer) –, que a acrobática “deve ser substituída pela ginástica racional”⁴² por esta ser mais pedagógica e mais consonante com as funções regenerativas que se exigiam.

- 49 Apesar da resistência generalizada da sociedade portuguesa a aderir a novos costumes e comportamentos, mais consonantes com os modelos modernos saídos da Revolução de 1789, parece-me evidente que o século XIX testemunhou a consolidação de uma nova representação do corpo humano, na qual ganhou uma dimensão central no progresso social que se desejava, o que, evidentemente, não só originou novos modelos educacionais, como criou o paradigma desportivo de que somos contemporâneos. Como já afirmara Crespo em 1990: “Os exercícios físicos valorizam-se na medida em que as representações do corpo se modificam”.⁴³

A importância do conceito de decadência da “raça” portuguesa para o desenvolvimento do desporto moderno

- 50 Em 1871 já Antero de Quental se tinha pronunciado em relação às causas de decadência dos povos peninsulares, enumerando três factores: o absolutismo, a expansão ultramarina e o catolicismo. Ainda não evocara as questões fisiológicas da “raça”, muito em voga nos últimos anos do século XIX, mas a ideia da decadência portuguesa está presente em Antero, como o está na Geração de 70. Em 1881 Antero escreve: “considero tudo perdido em Portugal e sem remissão possível”.⁴⁴
- 51 Porém, o conceito de decadência da “raça” portuguesa, o seu sentimento colectivo, já vem de trás, pelo menos desde os fins do século XVIII. Francisco Mello de Franco fala-nos dele em 1790 quando afirma: “os nossos portugueses, a falarmos sem paixão, já não são aqueles bravos, e intrépidos soldados, que só com o seu nome faziam espanto aos povos teimosos na guerra. Quão raros são hoje os soldados, que podem manejar os instrumentos bélicos daquele feliz tempo”.⁴⁵ Franco apresenta várias causas para essa decadência, que ele considerava, aliás, serem universais: o sedentarismo, o afastamento da vida militar e o pacifismo entre os reinos.
- 52 No caso português, esse sentimento é bem claro ao longo do século XIX, mas fundamentalmente a partir de 1890, quando se dá o *Ultimatum*, embora a independência do Brasil, em 1822, tenha deixado mazelas que fizeram sentir, igualmente, que o povo português estava a degenerar.
- 53 Este sentimento decadentista nacional pode ser explicado, por um lado, pela influência internacional que também o partilhava e, por outro, pelo sentimento nacional generalizado de que Portugal já tinha sido uma grande “potência”, com um vasto império, e que o deixara de o ser ao longo do século XVI (com a perda da independência), mas, sobretudo, ao longo do século XIX – primeiro com a perda do Brasil e depois com a humilhação britânica que reduziu a já baixa auto-estima portuguesa e conduziu o país a um sentimento depressivo generalizado.
- 54 No mesmo sentido, as grandes dificuldades verificadas na sociedade portuguesa de Oitocentos, na sua maioria com agudos problemas de vária ordem, aliadas a uma série de crises político-financeiras que o país vivera ao longo do século XIX ajudarão a agudizar esse sentimento, designadamente no final do século XIX, quando à crise do *Ultimatum* se

junta uma crise financeira internacional e uma crise política nacional que em muito contribuiu para a ascensão do movimento republicano a partir de 1880, para o aumento de um sentimento decadentista e para a queda da monarquia constitucional no espaço de alguns anos.

- 55 Neste quadro de crise política, social e financeira, os republicanos não perdem tempo a empolar o problema, apontando a monarquia, na pessoa do Rei D. Carlos, como a causadora da crise que então se vive, a partir fundamentalmente de 1890. Para muitos dos republicanos, a decadência residia na própria monarquia e no rotativismo governamental a que se assistia. Com efeito, como afirma Joel Serrão, “a ideologia republicana, cuja origem se pode remontar a meados do século XIX e se encontra em plena expansão em 1880, preocupada também com uma regeneração, de fundamento filosófico positivista [...] tende a atribuir a decadência nacional a causas predominantemente políticas”.⁴⁶
- 56 Não obstante o sentimento de decadência estar bem presente em meados do século XIX, nomeadamente na Geração de 70, é na última década do século que o mesmo se intensificará e se alargará socialmente. Embora o sentimento de decadência viesse de trás, a perspectiva fisiológica, isto é, a sua componente virada para a saúde do corpo, vai ser fortalecida no último quartel de Oitocentos. De facto, a partir fundamentalmente de 1890, instala-se um sentimento generalizado de pessimismo nacional, que considerava que era urgente intervir na educação física da sociedade portuguesa no sentido de robustecer o corpo social. Como afirma a historiadora Irene Maria Vaquinhas, “Num contexto de crise nacional e política despoletada pelo *Ultimatum* britânico, em 1890, a tese da ‘decadência fisiológica da raça portuguesa’ assume uma dimensão trágica e converte-se numa arma ideológica que se esgrime contra a situação política vigente”.⁴⁷
- 57 São cada vez mais numerosos, a partir deste ano, os artigos, não só de médicos como da própria sociedade civil, a defender a aplicação intensa da educação física de forma a regenerar a raça. Desta forma, o *Ultimatum* britânico vem exponenciar um sentimento que, existente no século XVIII, se irá agudizar nos últimos anos do século XIX.
- 58 O *Ultimatum* teve repercussões tão fortes na sociedade nacional, que até teses de doutoramento se defenderam sobre o assunto, problematizando-se a forma de se fortalecer a sociedade portuguesa com a educação física. É o caso do médico Carlos Alberto Lima, que, em 1891, publica a sua tese de doutoramento com o insinuante título *Melhoramento da Raça pelo Exercício Phísico*, o que reflecte, de certa forma, o pensamento que então se vivia. Carlos Alberto Lima, através de um estudo que incide na composição fisiológica do corpo humano, critica o excesso de actividade intelectual em detrimento da actividade física, reforçando a importância e a utilidade da educação física para “refundir a nossa raça – dar-lhe a ténpera, que só se pode conseguir com uma educação física racional e metódica”, de forma a que Portugal se pudesse bater com os países que o humilhavam – o autor referia-se à Inglaterra e à humilhação internacional causada pela situação do Mapa Cor-de-Rosa.⁴⁸
- 59 Eram várias as causas que se apresentavam para a decadência da “raça” portuguesa. Para além das enunciadas pela geração de 70 – que se prendiam mais com aspectos políticos, militares e religiosos, e não com aspectos fisiológicos –, médicos, higienistas e mestres apresentavam causas orgânicas para o definhamento da raça portuguesa. As mais evidentes eram a mortalidade infantil, o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose. Em suma, identificava-se a falta de higiene, por um lado, e a ausência de exercício físico como as principais causas do abastardamento da “raça”.

- 60 De forma a combater estes males que afectavam a “raça” portuguesa, mas também para evitar a “destruição da sociedade” (e da espécie) que poderia decorrer do enfraquecimento orgânico da população, a *educação física foi apresentada como o remédio para as doenças da população*. Se no início do século eram sobretudo médicos e higienistas que propagavam a ideia da educação física para evitar o abastardamento da “raça”, na última década do século XIX, também a imprensa (generalista e desportiva), referindo-se inúmeras vezes ao “depauperamento da raça portuguesa”, vai reflectir bem o espírito decadentista que se vivia, cultivando intensamente o desenvolvimento da educação física, mas também do *sport* – modalidades desportivas modernas que entretanto tinham surgido no país.
- 61 O *Diário Ilustrado*, muito provavelmente o primeiro jornal generalista português a ter uma secção de *sport* (até à década de 20 era este o vocábulo utilizado para a palavra que hoje conhecemos como *desporto*), dizia em 1894: “[...] atendendo ao benefício que pode ser para o nosso país espalhar-se o *sport* alcançando-se assim um bom passatempo para muitos, e simultaneamente o seu desenvolvimento, ou ainda talvez o apuramento de toda a nossa raça debaixo de todos os pontos de vista que toda a gente clama, que hoje caminha numa triste decadência [...]”.⁴⁹ Já o jornal *O Sport*, de 1894, diz no seu número de estreia: “O *sport*! Que entusiasmo pronunciá-lo?! O *sport* é a salvação da vida humana; é a nossa educação futura; é a nossa própria alma [...]. O fim do *sport* é o desenvolvimento físico; ele nos fortifica e nos dá agilidade; ele nos dá [...] uma vida o mais agradável possível, desviando-nos completamente de toda a espécie de vícios e tornando-nos, pois, robustos e sadios [...]. Será, pois, ou não o *sport* a salvação da vida humana?”.⁵⁰ Por sua vez, *A Tarde* – um dos primeiros generalistas a ter uma secção de *Sport* – afirmava em 1894 que: “O *Sport* é o exercício, o exercício é a vida duma ou mais classes e como consequência é talvez no futuro o renascimento físico do nosso povo... [...]. A população robustece-se a pouco e pouco e não longe virá o dia em que o povo português reconhecerá as vantagens da educação física e os seus magníficos resultados”.⁵¹ Por seu turno, o *Tiro Civil*, em 1903, dizia “prestar um serviço ao *sport* nos seus diferentes ramos, que felizmente vai ganhando adeptos, levando-nos à regeneração física, e enfileirando-nos ao lado das nações mais cultas da Europa”.⁵²
- 62 Nos inícios do século XX o sentimento de decadência estava mais vivo que nunca. Em 1908 era a vez de o jornal *O Século* se pronunciar em relação a este problema. Através do lema “Regeneremos a Raça”, *O Século* apresentava “depoimentos de médicos, relatórios, inquéritos escolares, descrição de casos clínicos e de visitas a hospitais e instituições de assistência social que procuravam demonstrar os sinais de degenerescência da população portuguesa e da urgência da criação de mecanismos de prevenção médica e social como forma de ‘acudir ao definhamento pavoroso da raça’”.⁵³ Por sua vez, cinco anos antes, já Pinto da Cunha afirmava que “a raça latina está degenerada, o que representa um mal sobremaneira grave”.⁵⁴
- 63 Este sentimento de decadência prolongar-se-á por algum tempo, sendo vivido de forma intensa pelo menos até à I Guerra Mundial, altura em que novos problemas se afiguram como mais graves. Contudo, o sentimento de decadência não desaparece, antes pelo contrário – ele vai atingir o seu culminar nos anos 20 do século XX. O sentimento decadentista que Portugal viveu ao longo do século XIX, com maior incidência na segunda metade, e durante os primeiros anos do século XX, vai levar a uma gradual abertura social relativamente à educação física e a uma maior atenção política às debilidades orgânicas da população portuguesa, que deveriam ser corrigidas pelo exercício físico metódico e

racional. Porém, as autoridades políticas demoraram a agir, e apenas podemos verificar uma séria preocupação com a causa desportiva nacional no Estado Novo – primeiro com a criação da MP e da FNAT, na década de 30, e depois, em 1942 com a criação da DGEFDSE;⁵⁵ além disso, a própria sociedade portuguesa, apesar de uma maior abertura, vai manter-se resistente ao exercício físico, desprezando-o muitas vezes. Contudo, a criação de inúmeros clubes destinados à prática de várias actividades desportivas (embora com primazia para o futebol) a partir fundamentalmente de 1904 atesta bem a importância que o desporto estava a assumir na sociedade portuguesa, nomeadamente nas classes mais baixas, onde o futebol viria a ter um papel muito importante.

- 64 Simultaneamente a uma intensa divulgação da ginástica para uma boa educação física verificada neste período, no final do século XIX surgem também novas formas de exercício – várias modalidades, umas colectivas outras individuais, que serão conhecidas em Portugal a partir da década de 70 pelo termo inglês *sport*. O *sport* tinha exactamente o mesmo fim que a ginástica, embora, ao contrário desta, estivesse conotado com o divertimento; com efeito, embora a ginástica se devesse praticar alegremente, estava fundamentalmente ligada a um comportamento mais contido.
- 65 É na segunda metade do século XIX, num contexto de desenvolvimento de novas práticas higienistas, fruto de uma nova representação e valorização do corpo, que, no meu entender, se desenvolve e se institui o *desporto moderno* – modalidades colectivas com fins exclusivos de exercitar o corpo através do divertimento. O desporto moderno é distinto do *desporto aristocrático*, filho do Antigo Regime – modalidades seculares, viradas para os hábitos aristocratas e para as artes da guerra, que sobreviverão ao longo do século XX, mas que serão ultrapassadas desportiva e socialmente por outras actividades cujos benefícios físicos serão mais valorizados.
- 66 Como já tive oportunidade de afirmar em trabalhos anteriores, “este processo de transição de um desporto ‘rudimentar’, elitista, fundamentalmente aristocrático, para um desporto moderno e mais democratizado, situa-se, sensivelmente entre 1875 e 1910 [...]. Será neste anos que se operarão as maiores transformações no desporto nacional no sentido da sua modernização e democratização”.⁵⁶ Anos antes já Vítor Costa se tinha adiantado ao afirmar que o desporto enquanto negócio e espectáculo – aquilo que temos vindo a designar de desporto moderno – nasce, precisamente, no último decénio do século XIX.⁵⁷

Jogo e desporto

- 67 O conceito contemporâneo de desporto é algo difuso e não consensual, confundindo-se amiúde com o de jogo, ou até com o de educação física. É possível, inclusivamente, que nunca se tenha trabalhado convenientemente este conceito em Portugal. Sabemos que, tendencialmente, se prende com o exercício físico e com o fortalecimento do corpo (uma ideia que, como vimos, nasce na segunda metade do século XIX), mas também sabemos que existem actividades tidas como desportivas que não visam o exercício físico, como a pesca ou o xadrez, embora em última análise possamos concordar, em rigor, que todas as actividades exigem exercício físico nem que o mesmo se cinja ao neuronal – que é, evidentemente, actividade fisiológica, logo, actividade física. Deixando esta questão complexa para uma altura mais adequada, vamos considerar o exercício físico à luz do conceito tradicional – de movimento do corpo propriamente dito.

- 68 O desporto contemporâneo pode ser considerado, na actualidade, um “conjunto de exercícios físicos que, sob a forma de jogos individuais ou colectivos, sujeitos a certas regras, e com carácter competitivo ou não, têm geralmente como finalidade o desenvolvimento harmonioso do corpo humano, com exclusão de fins utilitários imediatos”.⁵⁸ Embora esta definição me pareça correcta, a mesma ainda me apresenta certas dificuldades, pois o conceito de jogo pode possuir, aparentemente, as mesmas características. Já vimos que a ginástica é um ramo da educação física e que esta é um ramo da higiene, mas qual a diferença entre jogo e desporto? Qual a função do jogo e do desporto? O que os distingue? Serão a mesma coisa? Jogo e desporto são dois conceitos que à primeira vista parecem sinónimos, mas não são, sobretudo na actualidade. Embora sejam conceitos intimamente ligados, deveremos procurar aquilo que os distingue já que, como veremos, são conceitos que significam duas ideias distintas, ainda que tenham tido uma origem comum e tenham significado, durante anos, praticamente a mesma coisa.
- 69 No célebre *Homo Ludens* (obra que apesar de algumas ideias válidas carece, no meu entender, de actualização), Johan Huizinga defende que o jogo “é uma actividade livre, conscientemente exterior à vida ‘normal’, um aspecto ‘não sério’ da vida, mas que, ao mesmo tempo, absorve intensa e completamente o jogador”.⁵⁹
- 70 Apesar da insustentabilidade de algumas das suas ideias,⁶⁰ Huizinga toca em duas características essenciais que me parecem separar convenientemente o conceito de jogo do de desporto, embora ele não o refira: a não-seriedade e a separação da “vida real” do jogo.
- 71 Roger Caillois não foge muito do ponto de vista de Huizinga, afirmando que o jogo é livre, separado (da actividade produtiva), incerto, regulado, improdutivo e fictício.⁶¹ As características da não-seriedade e da separação da “vida real” – aquelas que, como veremos, distinguem o jogo do desporto e já realçadas por Huizinga – são, igualmente, relevadas pelo etnólogo francês. Por seu turno, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* afirma que o jogo é “uma actividade recreativa, mais ou menos espontânea, que tem como finalidade o prazer, o divertimento”.⁶² Segundo os pontos de vista acima referidos, o jogo é, portanto, algo 1) *não sério* e que se constitui 2) *fora da vida real*. A prioridade do jogo parece ser, em suma, o *entretenimento* pessoal.
- 72 Ora, o desporto moderno distancia-se claramente destas duas características, já que, como vimos, vai instituir-se com propósitos *sérios* de desenvolver o corpo; ou seja, vai assumir um compromisso muito *sério* e inserido na “vida real” de fortificar o organismo e, com isso, promover o desenvolvimento social. Ao contrário do jogo, o desporto insere-se, desta forma, na *vida real* e reveste-se de profunda *seriedade*.
- 73 Neste sentido, julgamos que o jogo apresenta uma importante característica, apontada pela maior parte dos autores que se debruçam sobre este conceito, que o irá distinguir claramente do desporto: a *ausência de um fim*. Como disse Kant, o jogo é “uma ocupação agradável em si e sem outra finalidade”,⁶³ ao contrário do desporto moderno, que assume um fim claro de educar e fortalecer.
- 74 Fica mais ou menos claro que, embora possamos não concordar com alguns detalhes nas definições apresentadas de jogo, este conceito parece ser diferente do conceito de desporto, pelo menos na contemporaneidade, devido sobretudo à dimensão não séria que o jogo ocupa contrariamente à *seriedade* que o desporto comporta. É nesta dimensão que

iremos encontrar aquilo que realmente distingue o jogo do desporto, não obstante muitos jogos se terem transformado em desportos, como iremos verificar.

- 75 Mas, se é certo que a significação destes dois conceitos foi particularizada desde, pelo menos, fins do século XIX – numa altura em que o desporto vai começar a comportar uma função bem precisa de fortalecimento físico, distanciando-se, desta forma, do conceito meramente lúdico de jogo –, nem sempre foi assim. De facto, durante largos séculos, não existia grande diferença (ou nenhuma) entre o que era jogo e o que era desporto – *depôrte* em português arcaico. Durante a Idade Média e o Antigo Regime, jogo seria divertimento, recreação, aposta, risco e estaria ligado intimamente às classes aristocratas. *Depôrte* seria, essencialmente, a mesma coisa.
- 76 Etimologicamente, *jogo* deriva do latim *jocus* – divertimento, gracejo, brincadeira, jovialidade, galhofa, passatempo⁶⁴ – e do grego *iakhé*, que significava clamor, grito, alegria.
- 77 Em 1813, numa sociedade portuguesa ainda com muitos comportamentos ligados ao Antigo Regime, jogo era uma “espécie de sorte, a que expomos certa aposta em dinheiro, à condição de ganharmos, jogando cartas, dados, bola... conforme certas leis”. Era também “exercício que se faz por divertimento; e para espectáculo”.⁶⁵ Em 1899, o conceito mantém-se – o dicionário de Cândido de Figueiredo diz-nos que jogo era “divertimento; recreio; brincadeira; passatempo sujeito a regras, e em que geralmente se arrisca dinheiro”. Na actualidade, embora com algumas *nuances*, o conceito de jogo mantém-se praticamente inalterado: “designação genérica de certas actividades cuja natureza ou finalidade é recreativa; diversão, entretenimento; actividade espontânea de crianças”.⁶⁶ Podemos verificar que a ideia de jogo sempre comportou alguns denominadores comuns, já que conceitos como divertimento, brincadeira, entretenimento e, de certa forma, aposta estão sempre presentes. E o que seria desporto na sociedade de Oitocentos?
- 78 Etimologicamente, *desporto* deriva “do antigo francês *desport*... ‘divertimento; jogo’ ligado ao verbo *déporter* ‘divertir, distrair’ (e também aguentar, salvaguardar, suportar) [...] deixar coutadas para deporte del-rey (cortes de Lisboa por el-rei D. Manuel)”.⁶⁷ Nesta perspectiva, desporto (ou *depôrte* até ao século XIX) não difere, na sua essência, de jogo. No início do século XIX eram, aliás, exactamente a mesma coisa, podendo-se, designadamente, considerá-los sinónimos. No *Dicionário de Língua Portuguesa*, de António Moraes Silva, de 1813, a palavra *desporto* aparecia ainda sob a sua forma antiga – *depôrte* – e significava “divertimento”,⁶⁸ tal como o jogo. Em 1833 tinha exactamente o mesmo significado no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de José da Fonseca, significado esse que vai manter até ao final do século, embora nem todos os dicionários apresentassem a palavra, nem a sua expressão inglesa (*sport*).
- 79 Curiosamente, a palavra portuguesa *depôrte* vai cair em desuso no final do século XIX para ser substituída pela sua correspondente inglesa: *sport*. Este vocábulo, porém, embora seja sinónimo de *depôrte*, vai ter um significado distinto do do seu correspondente português arcaico. Em 1899 um dicionário descrevia assim *sport*: o vocábulo “inglês *sport* está hoje no domínio da língua para com ele designar qualquer grande exercício ao ar livre; ora, como à índole da língua portuguesa repugnam todos os vocábulos que principiam com *sp*, *sc*, *sn*, etc., não vemos razão para continuar na ingrata tentativa de aclimação de esta palavra, quando de há muito temos um vocábulo apropriado e gentilmente português, *depôrte*, de que Faria diz: ‘divertimento, recreio, passatempo, desenfado’”.⁶⁹

- 80 Nesse mesmo ano, num outro dicionário, o de Cândido de Figueiredo, o termo *sport* aparece como: “qualquer exercício ao ar livre, como corridas de cavalos, regatas, esgrima, etc.”.⁷⁰ Ora, podemos notar nestas definições do final do século XIX uma evolução do conceito de *depôrte* (conceito arcaico, ligado ao jogo) para *sport* (conceito moderno, ligado ao exercício físico). Em 1925, a primeira vez que encontramos a palavra *desporto*, esta aparece-nos ainda com conteúdo antigo, pouco consonante com a sua função mais evoluída de exercício físico: “Divertimento, recreação, desenfado; gracejo, zombaria”.⁷¹ Isto pode ser compreendido considerando a adopção por parte do autor do conceito arcaico de *depôrte* e a não adopção das funções ligadas ao vocábulo inglês *sport* (com conteúdo mais evoluído) ainda relativamente recentes na sociedade portuguesa, embora já bem presentes.
- 81 Mas em 1996 o dicionário de Cândido de Figueiredo dá-nos um olhar moderno sobre desporto, dizendo-nos que é “Divertimento, recreio, desenfado” – significado que já possuía – e acrescentando agora algo de novo: “exercício físico regulado por normas, praticado individualmente ou em grupo. Exercício físico regulado por normas específicas, adequado ao desenvolvimento [...] e da agilidade do corpo humano e praticado individualmente ou em equipa”.⁷² O dicionário *Houaiss*, por seu turno, dá-nos um olhar semelhante do desporto afirmando que é uma “actividade física regular, com fins de recreação e/ou de manutenção da condição física e da saúde”,⁷³ enquanto o *Michaëlis* nos diz que é “passatempo, divertimento [...] prática metódica de exercícios físicos que consistem geralmente em jogos competitivos entre pessoas [...]”.⁷⁴ Finalmente o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* diz-nos que desporto é a “prática metódica de jogos ou de qualquer actividade física que implique exercício físico e perícia, podendo ou não ter como objectivo a competição”.⁷⁵
- 82 Ora, parece evidente que: 1) jogo e *depôrte* (vocábulo antigo de desporto) possuíam a mesma função até ao fim do século XIX; 2) ao longo dos anos o conceito de desporto, perfilhando os mesmos fins sérios que o *sport* inglês, vai ganhar algumas características que o vão distanciar do conceito lúdico de jogo. Parece-me, portanto, que, se no início (e no decorrer) do século XIX o conceito de desporto (*depôrte*) não diferia do de jogo, mais recentemente estes conceitos parecem-nos dissociados, embora ainda interligados. No século XIX parece-me, inclusivamente, que *depôrte* seria algo, como vimos, senão igual, muito semelhante à prática de um jogo. Envolveria divertimento e recreação – ingredientes fundamentais para se jogar um determinado jogo – e ainda despreocupação. No entanto, ao conceito moderno de desporto acrescem novos ingredientes inexistentes na ideia arcaica de *depôrte*, como a prática regulada de exercícios físicos com vista ao fortalecimento do corpo.⁷⁶
- 83 Assim, aquilo que durante séculos teve o mesmo significado (jogo e *depôrte*), passa a ter dois significados diferentes durante o século XX (jogo e *sport* ou desporto), sendo que, como veremos, esta ruptura pode ser localizada nos finais do século XIX, fruto de novas concepções do corpo.
- 84 Apesar de *depôrte* ser a tradução para português do vocábulo inglês *sport*, parece que este último, não obstante poder ser aplicado a um leque variado de actividades, vai ser introduzido em Portugal para definir um conjunto de exercícios físicos com objectivos precisos de fortalecer o corpo, acabando por, mais tarde, já na década de 20 do século XX, ser substituído pelo termo português *desporto*. Além disso, o vocábulo *depôrte*, embora pouco utilizado quando do surgimento do desporto moderno no século XIX, era já conhecido em território luso desde, pelo menos, o século XVI para descrever actividades

recreativas ligadas, sobretudo, às práticas lúdicas aristocráticas – ao jogo. Não é por acaso que *depôrte* não é muito utilizado na sociedade lusa no âmbito do surgimento do desporto moderno, visto compreender um conjunto de funções antigas, ligadas aos hábitos aristocráticos e ao conceito de jogo, pouco consonantes com a seriedade das novas práticas desportivas que visavam o fortalecimento da espécie humana.

- 85 No âmbito de um agudo sentimento de decadência da “raça” portuguesa, será a ginástica a primeira actividade física a surgir como remédio para essa degeneração, a partir sensivelmente da década de 70 do século XIX. A ginástica, apesar de pouco praticada, vai assumir uma função regeneradora na sociedade portuguesa, mas outras actividades surgem com o mesmo objectivo, assumindo embora, ao contrário da “monocórdica” ginástica sueca, uma função recreativa e lúdica, algo que a ginástica, em certa medida, não era capaz de oferecer. É assim que aparece e se desenvolve o *sport* – não confundir, como vimos, com *depôrte*, que tem uma conotação diferente, embora seja linguisticamente sinónimo. O *sport* surge, sem a contrariar, como alternativa à ginástica, com objectivos precisos de robustecer o corpo. Mas o desporto moderno provém do jogo. Em grande medida, o desporto moderno surge, primordialmente, em forma de jogos, os quais serão direccionados e disciplinados no sentido de robustecer o corpo. Ao ganharem esta componente medicinal, os jogos ganham uma *seriedade* e um objectivo que os distancia da *não seriedade* própria do jogo, bem como de outras características inerentes a este, como a inexistência de um objectivo prático. Os jogos, ao assumirem uma seriedade e um objectivo prático, vão tornar-se uma actividade que os desloca para uma outra dimensão na qual podemos identificar o desporto moderno.
- 86 Esta espécie de transição de jogo para desporto é notória na génese do desporto moderno, nomeadamente nas *Public Schools* inglesas, as quais são fundamentais para o nascimento do desporto moderno entre os séculos XVII e XIX. São elas que irão adoptar e disciplinar jogos tradicionais, alguns deles bastante violentos, em jogos regulamentados que, com o tempo, se transformaram em modalidades desportivas. É o caso do futebol, por exemplo. Enquanto modalidade desportiva, o futebol é uma realidade de 1863 – data da sua regulamentação definitiva –, mas as suas origens podem localizar-se nalguns jogos de bola urbanos, muito violentos. Disciplinados numa primeira fase nas *Public Schools*, e ali adaptados às condições materiais que essas escolas possuíam, estes jogos transformar-se-ão gradualmente, por um lado, no futebol e, por outro, no rãguebi. Isto é, são jogos tradicionais que, aproveitados, adaptados e disciplinados nas escolas inglesas, irão, paulatinamente, resultar em desportos bem definidos e com objectivos precisos.
- 87 Comprovando os benefícios dos exercícios físicos, os directores das *Public Schools* vão aproveitar os jogos tradicionais no sentido de incutir disciplina, carácter e exercício físico nos alunos, até porque a ginástica nunca teve o condão de cativar tanto como alguns jogos mais dinâmicos. Ao disciplinar os jogos urbanos que existiam, os directores estavam a aproveitar a sua componente lúdica – já existente – mas também a sua componente educativa – acrescentada na altura da regulamentação. Como se afirma em *História do Desporto*, as *Public Schools* “vão ser fundamentais [...] ao transformar as práticas de rua dos seus alunos em práticas desportivas disciplinadas, que seguissem princípios educativos”.⁷⁷
- 88 O desporto moderno caracteriza-se, portanto, ao contrário do conceito de jogo, pela sua dupla função *pedagógica* e *medicinal*. Numa sociedade em mudança, que entra em profunda ruptura com a antecessora e na qual o corpo assume uma função nova, tanto a ginástica como os *sports* vão assumir um *objectivo comum* que visa, em suma, a educação física da população. Será neste contexto que, no último quartel do século XIX, serão introduzidas

novas modalidades na sociedade portuguesa, até então totalmente desconhecidas, nomeadamente, o ciclismo, o rãguebi, o futebol, o ténis, etc.

Desporto aristocrático e desporto moderno

- 89 Verificamos que estas novas actividades serão introduzidas num contexto em que outras actividades ligadas à aristocracia – como a caça, o tiro, a esgrima, a equitação, a dança, todas elas seculares – estavam ainda muito em voga, sendo, aliás, numa primeira instância, mais praticadas que as modalidades modernas. Estas práticas, ligadas aos modelos comportamentais e sociais aristocráticos do Antigo Regime, serão, gradualmente, contestadas e criticadas, pelo facto de serem filhas de uma organização político-social que se rejeitava. A estas actividades, muitas delas sobreviventes nos dias de hoje mas caídas em desuso no início do século XX, precisamente por simbolizarem uma sociedade ultrapassada, designamos *desporto aristocrático* – actividades ligadas ao conceito de jogo e à palavra arcaica *depôrte* –, contraponto ao desporto moderno, que inclui as modalidades desportivas contemporâneas.
- 90 Em final de Oitocentos a esgrima era ainda, porventura, a prática mais relevante no país. Como afirma José Vilarinho: “A esgrima constituía nos últimos anos da monarquia e nos primeiros da república uma das mais importantes disciplinas do desporto português [...]. Talvez ainda mais do que outras modalidades, a esgrima [...] era uma das práticas favoritas dos reis e príncipes, moços aristocratas e de burguesia endinheirada [...]. As festas de esgrima, torneios, saraus ou mesmo assaltos [...] realizavam-se nos locais de maior prestígio de Lisboa e do Porto e constituíam acontecimentos mundanos, reunindo assistências numerosas das elites de então”.⁷⁸
- 91 Não só a esgrima, mas também o tiro, a caça e a tourada vão aparecer ainda nos finais do século XIX e inícios do século XX como alguns dos mais conceituados “desportos” da sociedade portuguesa. O desporto aristocrático estava, efectivamente, muitas vezes, ligado a festas e a saraus, aos quais a maior parte da sociedade não tinha sequer acesso. Envolvia, sobretudo, uma série de actividades mais viradas para a aposta, para o desafio, enfim, para o conceito de jogo (de *depôrte*), e que se desenrolavam num ambiente de festas senhorial.
- 92 A criação de clubes para praticar uma determinada modalidade moderna (ou várias) corresponde a uma segunda fase do processo de desenvolvimento do desporto moderno – a sua institucionalização. Em Inglaterra isto acontece a partir da segunda metade do século XIX, tal como em Portugal, embora aqui tenha sido, fundamentalmente, a partir de 1880, não obstante a criação do Real Ginásio Clube Português em 1878. A esmagadora maioria dos clubes desportivos portugueses funda-se, porém, no início do século XX. A criação de uma série de colectividades no final do século XIX e no início do século XX corresponde, portanto, primeiro ao surgimento e, depois, à institucionalização de um conjunto de desportos modernos que visavam, através da competição recreativa, o cultivo do corpo mas também o divertimento metódico.
- 93 Na sociedade portuguesa, o conceito inglês de *sport* (como vimos, ligado fundamentalmente ao desporto moderno) é, no início, um pouco amplo, não obstante existir a clara consciência, em 1897, de que o *sport* é “Um complemento indispensável, e universalmente reconhecido como um dos mais importantes da educação [...]. São tão profundos, tão completos os estudos que os fisiologistas, higienistas e moralistas têm

empreendido sobre as vantagens do *sport*, que julgamos supérfluo, senão fastidioso, insistir sobre este assunto”.⁷⁹ Ou seja, a sociedade portuguesa de finais de Oitocentos, pelo menos os mais letrados, tinha a consciência de que o desporto (ou *sport*) tinha como função exercitar o corpo e robustecer a raça. É, quanto a nós, claro que ao desporto é dada a mesma função que à ginástica, embora aproveitando a sua capacidade lúdica e de recreação, própria do jogo.

- 94 Esta perspectiva contraria a ideia de Luís Trindade, que defende que “o *sport* não era aqui distinguível de *hobby*”.⁸⁰ *Hobby*, segundo aquilo que tenho vindo a enunciar, estaria mais ligado ao conceito de *depôrte* – jogo, recreação, divertimento – e não ao de *sport* – que visava o fortalecimento físico. No seu texto *A Imagem do Sportsman e o Espectáculo Desportivo*, Trindade afirma que “a falta de especialização fazia do *sport* uma coisa ainda muito vaga e incluía, mais ou menos indistintamente, qualquer tipo de actividade que implicasse movimento”.⁸¹ Mesmo atendendo ao facto de que o conceito de desporto (ou de *sport*) era, na altura como hoje, de definição difícil, um pouco pela sua amplitude, não me parece correcta a afirmação de que a ideia de *sport* era muito vaga. Considero que a sociedade mais instruída de finais do século XIX e inícios do século XX sabia perfeitamente qual a função do desporto, e para que servia, como nos mostram os inúmeros textos da época sobre a temática. Como vimos, aliás, em linhas precedentes, parece-me evidente que o desporto possuía uma função de extrema importância, ao contribuir para o fortalecimento da “raça” através do exercício físico disciplinado e metódico. Ao contrário do jogo, o desporto tinha uma função clara, independentemente de a mesma poder ser, ou não, ignorada. Por isso, não me parece correto considerar que o conceito de *sport* era muito vago e implicava tudo o que era movimento, até porque são vários os autores que criticam as actividades físicas sem método, isto é, os movimentos do corpo sem qualquer metodologia.
- 95 O que as pessoas da época não sabiam era aquilo sobre que, ainda hoje, temos algumas dúvidas: o que deve ou não caber no conceito de desporto. Neste aspecto estou próximo da ideia de Vítor Costa quando defende que o termo *sport* “designava um conjunto demasiado amplo de actividades físicas”⁸² na sociedade de finais de Oitocentos. A distinção entre desporto e jogo era, no entanto, bem real na sociedade portuguesa da época, como podemos verificar no *Jornal da Noite*, em 1905: “O inglês olha o *sport* como parte importante da sua existência terreal. Não admite a profanação nem que a ganância macule os seus rigorosos princípios de lei de organização [...]. Mas nós, que miséria. Confundimos *sport* com jogo...”⁸³
- 96 No entanto, estamos de acordo com Luís Trindade quando ele diz que o desporto moderno corresponde, numa época de rupturas, a uma negociação entre o estatuto da aristocracia e novos hábitos. Ou seja, numa sociedade em mudança, onde os velhos modelos aristocráticos se apresentavam como obsoletos, onde a aristocracia se via “esvaziada da sua função exclusivamente guerreira e ameaçada dos seus privilégios pelas várias pressões democratizadoras da modernidade”, as elites viram no desporto uma nova forma de afirmação do seu estatuto, agora com uma nova roupagem.⁸⁴ Neste sentido, segundo Trindade, o desporto poderia devolver de novo às elites o seu estatuto social, entretanto perdido pela democratização político-social. O *sportsman* surge, neste contexto, com um estatuto privilegiado e o monarca D. Carlos aparece como o exemplo acabado desse tipo de homem.
- 97 Segundo esta leitura, o *sport*, “enquanto fenómeno social moderno, foi um campo de várias negociações entre as classes sociais mais privilegiadas e conservadoras num

momento histórico marcado por uma profunda percepção de mudança”,⁸⁵ no qual o *sportsman* aparecia como detentor de um estatuto e defensor de uma ética; era na realidade o espelho de uma classe que se sentia deslocada no tempo e que tinha de renegociar a sua posição social privilegiada. Apesar de podermos considerar esta perspectiva de Luís Trindade como, em certa medida, correcta, apenas a podemos aceitar como tal para as elites, pois há todo um universo social (o académico, o desportivo, o científico, o literário, o popular, etc.) que interpretava o desporto de forma diferente das camadas sociais mais altas. O erro de Trindade consiste, no meu entender, em definir e interpretar a função do desporto apenas à luz da nobreza, parecendo ignorar que o desporto tem de ser analisado como fenómeno muito mais abrangente sob o aspecto social.

- 98 O desporto moderno aparece em Portugal, desde os finais do século XVIII e percorrendo todo o século XIX, não apenas à luz de uma interpretação aristocrática mas, fundamentalmente, à luz de um conceito de regeneração física, defendida por médicos, mestres, professores, pensadores, enfim, pela sociedade civil mais informada, o que Trindade parece ignorar. O desporto fortalece, fundamentalmente, pela sua dupla função de regenerar e educar a sociedade; ou seja, o desporto assume um papel social preponderante, nomeadamente sob uma perspectiva medicinal. Por isso não podemos circunscrever a nossa análise do desporto exclusivamente à classe aristocrata, como parece fazer Luís Trindade, porque isso é ter em conta apenas uma leitura (muito parcial) de um fenómeno que irrompeu na sociedade portuguesa com significativa importância no âmbito da regeneração da espécie.
- 99 O *sportsman* não era, de todo, o objectivo máximo do *sport*. Poderia sê-lo, e era, de facto, para algumas elites, mas, para outras camadas sociais, o objectivo máximo do *sport* era, repetimos, a *regeneração social*. Tal como afirma Vítor Costa, as “Preocupações surgiam em proporcionar-se uma educação integral, apresentando-se o exercício físico como um instrumento ao serviço de uma política e de uma sociedade, com o objectivo de promover a regeneração moral e física da população portuguesa”.⁸⁶ Não é por acaso que a imprensa desportiva, embora periclitante, se assume com o objectivo de “prestar um serviço ao *sport* nos seus diferentes ramos, que felizmente vai ganhando adeptos, levando-nos à regeneração física, e enfileirando-nos ao lado das nações mais cultas da Europa”.⁸⁷
- 100 O primeiro grande desporto moderno a surgir em Portugal, introduzido na década de 80, foi o ciclismo (durante algum tempo chamado velocipedia), “que de todos os ramos de *sport* é aquele que maior desenvolvimento conseguiu atingir”,⁸⁸ ultrapassando largamente na década de 90 do século XIX aquele que seria o desporto-rei do século XX – o futebol. Porém, o cicloturismo vai ganhar, igualmente, grande relevo nos finais do século XIX devido à fusão cidade-campo que será muito valorizada. Por outro lado, o futebol tem um primeiro período de algum fulgor a partir de 1894 – ano da disputa da Taça do Rei (um troféu de prata oferecido pelo Rei D. Carlos), entre as equipas de Lisboa (representadas pelo Clube Lisbonense) e do Porto (representadas pelo Futebol Clube do Porto (de 1893)).
- 101 Em 1878 nasce aquele que podemos considerar o primeiro jornal desportivo – embora se dedicasse fundamentalmente à ginástica. Outros se lhe seguirão, virados mais para o desporto: *O Sport* (1894), *O Sport Velo* (1896), *O Sport Velo* (1897), *O Sport* (1897), *O Campeão* (1897), *O Campeão* (1899), *Revista de Sport* (1903), *Tiro e Sport* (1905), o que atesta bem o surgimento de um fenómeno novo que é suficientemente impactante, não só para ter a atenção de alguns generalistas, que lhe vão dedicar alguma atenção a partir de 1893, como para formar novas publicações. Contudo, é também notório que o desporto

moderno, apesar de em expansão, tem sérias dificuldades em se desenvolver por algumas razões já aqui analisadas.

- 102 Além disso, a partir, sensivelmente, de 1893, alguns generalistas mais conceituados abrem uma secção de *sport* nas suas páginas, parecendo-nos pioneiro neste aspecto o *Diário Ilustrado*, que naquele ano cria as suas primeiras reportagens sobre a temática (embora já tivesse, em anos anteriores, notícias sobre regatas, corridas de cavalos, velocipedia e ginástica). Por seu turno, em 4 de Janeiro de 1894, *A Tarde* abre igualmente a sua secção de *sport*.
- 103 O desporto moderno, embora ainda algo difuso nos seus contornos conceptuais, no início vai, concomitantemente, ganhando o seu espaço e assumindo uma função. Esta função era, não só pedagógica e medicinal, como lhe era reconhecida desde o início, mas também de espectáculo e de negócio, sobretudo nas modalidades de ciclismo e luta, primeiro, e de futebol, depois. Em 1910 já muitos dos desportos modernos estavam enraizados no país, nomeadamente o futebol e o ciclismo, que se apresentavam em clara expansão e com grande aderência do público em geral. De facto, “o desporto moderno contém um programa temporal, um tempo próprio, originalmente autónomo, que se vai impor e penetrar no quotidiano, estimulando a emergência de períodos de preparação, de treino, inevitáveis para se encarar e suportar uma competição cada vez mais exigente, ao ter que levar em conta os adversários, os tempos e os records [...]. Esta ideia de desporto [virada para o treino e para o desenvolvimento da técnica] contrasta com a de séculos precedentes em que a actividade física, os jogos, dependiam da disposição dos praticantes, se associavam a festas públicas e privadas, a desafios, a apostas”.⁸⁹
- 104 Entre os fins do século XIX e princípios do século XX, o *sport* assume, embora de forma ainda algo rudimentar, os contornos fundamentais do desporto moderno. Estão lá as funções recreativa, educativa e medicinal, que todos ainda reconhecemos na actualidade, e em alguns casos, a financeira ou de espectáculo, que também facilmente a identificamos na modernidade. Ao contrário, o desporto aristocrático apenas comportava a função recreativa, sendo mais virado para a aposta e para o conceito de jogo, realizado no âmbito das festas senhoriais, e sem que houvesse, de todo, uma preocupação educativa e medicinal do ponto de vista físico.
- 105 Ora, o processo que leva ao desporto moderno é, como vimos: primeiro a codificação de uma actividade física (pode ser um jogo, e na maior parte da vezes é; como fizeram as *Public Schools* inglesas) com vista ao fortalecimento físico, ao cultivo do corpo e à disciplina do carácter; segundo, a sua institucionalização e consequente competição.
- 106 Neste quadro, penso que já estamos aptos a distinguir convenientemente jogo de desporto. O jogo é, em muito casos, a actividade (ou actividades) mais ou menos espontânea e não instituída antecedente do desporto. O jogo possui regras, mas estas não são, em muitos casos, instituídas. O jogo não tem o carácter sério, de intervenção na saúde da espécie humana que o desporto tem. Este distingue-se do jogo pelos códigos instituídos e bem definidos e pela sua função educativa e medicinal (o mesmo é dizer pela sua seriedade).
- 107 O jogo, embora possa apresentar algumas características do desporto, como as regras (embora nem sempre instituídas), e em alguns casos a competição, não tem, claramente, os mesmos objectivos. O jogo é algo, como disse Huizinga, “não-sério” e, quanto a nós, não comporta nenhuma função obrigatoriamente educativa do ponto de vista do exercício físico ou do cultivo do corpo. Ou seja, um jogo apenas tem necessidade de conter uma

função lúdica, podendo não comportar, em última análise, qualquer outra. O desporto, pelo contrário, tem obrigatoriamente uma função educacional de exercício e de cultivo físico que o jogo, por si só, pode não conter e normalmente não contém.

- 108 Desta forma, o desporto moderno pode ser definido como *um conjunto de actividades, em forma de jogos ou não, codificadas e instituídas, com funções muito sérias de 1) disciplinar o carácter e 2) fortalecer o organismo*. O desporto moderno é, em última análise, *uma tentativa de intervir na saúde e no bem-estar do ser humano*.
- 109 Ora, esta concepção de desporto (de que nós somos claramente herdeiros) nasce precisamente nos finais do século XIX, quando se enraíza em Portugal uma série de actividades físicas, que hoje reconhecemos universalmente como desportos modernos, com regras e funções precisas, muito semelhantes àquelas que o homem contemporâneo tem. Um exemplo: no início, antes da sua definitiva codificação em 1862, o futebol era apenas um jogo espontâneo, não sério, longe da “vida real”, como diria Huizinga. Hoje o futebol é um desporto, assim como já o era nos finais do século XIX, devido aos objectivos que gradualmente estabeleceu e à sua institucionalização na segunda metade do século XIX. Este exemplo pode ser aplicado a quase todos os desportos conhecidos que, algures no tempo, tiveram uma dinâmica de jogo – logo despreocupada e sem funções educativas e medicinais. A partir do momento em que um jogo se “transforma” em desporto, a sua dinâmica passa a ser muito mais séria e a conter uma dimensão, diríamos, um fim, de fortalecimento físico.
- 110 A ascensão do desporto moderno, de que somos herdeiros, dá-se através de um processo de valorização do corpo, que se inicia no fim do século XVIII e que fará decair os costumes aristocráticos e outros comportamentos ligados ao Antigo Regime, levando, nos finais do século XIX, num ambiente de profundo sentimento de decadência fisiológica da “raça”, à introdução, divulgação e institucionalização do desporto moderno. Em suma, o desporto moderno nasce e desenvolve-se devido a uma dignidade que o corpo, muito castigado durante o Antigo Regime, adquire sobretudo durante o século XIX, fruto em grande medida do avanço científico verificado nesse período. A relação de dependência que os cientistas e pensadores oitocentistas estabeleceram entre o corpo e a mente, aliada a uma necessidade urgente de intervir na espécie humana, com o perigo de a mesma definhar e degenerar, fez com que se desenvolvesse um conjunto de modalidades desportivas com dois objectivos primordiais: disciplinar o carácter e fortalecer o corpo.

NOTES

1. Conceito sugerido por Manuel Sérgio para significar o movimento intencional do Homem.
2. Cf. Pierre de Coubertin, in Manuel Sérgio, *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira da Cultura*, Lisboa-São Paulo, editorial Verbo (edição século XXI), 2001, p. 48.
3. Cf. Francisco de Mello Franco, *Tratado da Educação Phisica dos Meninos para Uso da Nação Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1790, p. VII.
4. Cf. Augusto Filipe Simões, *Educação Phisica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1879, p. 352.

5. Cf. Jorge Crespo, “O processo de civilização do corpo em Portugal”, *Uma História do Desporto em Portugal – Corpo, espaços e media*, Lisboa, Quidnovi, 2011, p. 30.
6. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 35.
7. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 30.
8. Cf. Idem, *História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990, p. 504.
9. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 62.
10. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 30.
11. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 62.
12. Cf. Idem, “O processo de civilização do corpo em Portugal”, *Uma História do Desporto em Portugal...*, p. 63.
13. Entre filósofos como Espinosa, Locke, Rosseau, Kant, entre outros.
14. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 545.
15. Cf. Alfredo Dias, *Apontamentos para a Reforma e História da EF em Portugal*, Lisboa, Typografia Lisbonense, 1887, p. 34.
16. Cf. *Revista de Sport*, 5 de Julho de 1903, p. 2.
17. Cf. Francisco de Mello Franco, *Op. Cit.*, p. 2.
18. Cf. “Hygiene”, *Biblioteca do Povo e das Escolas*, n.º 16, Lisboa, David Corazzi Editor, 1882, p. 3.
19. Cf. *Ibidem*, p. 4.
20. Cf. “Higiene”, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001.
21. Cf. “Higiene”, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2003.
22. Cf. “Educação Física”, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001.
23. Cf. “Educação Física”, *Michaëlis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1998.
24. Cf. José Pedro Machado, “Ginástica”, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Horizonte, [1977].
25. Cf. Araújo Correia Lacerda e José Maria de Almeida, “gymnastica”, *Dicionário Enciclopédico ou Novo dicionário da língua portuguesa*, Lisboa, Francisco Artur da Silva, 1874.
26. Cf. António Moraes Silva, “gymnastica”, *Dicionário de Língua Portuguesa*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1889-1891.
27. Cf. Paulo Lauret, *Guia para o Ensino da Ginástica nas Escolas do Sexo Feminino*, Porto, Livraria Portuense de Clavel, 1883, p. 1.
28. Cf. “Ginástica”, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001.
29. Cf. Luiz Mouzinho de Albuquerque, *Ideias sobre o Estabelecimento da Instrução Pública, Dedicadas à Nação Portuguesa e Oferecidas a Seus Representantes*, Academia das Ciências de Paris, Paris, 1823, pp. 39-40.
30. Cf. Idem in Vítor Costa, *O desporto e a sociedade em Portugal: fins do século XIX – princípios do século XX*, Lisboa, tese de dissertação de mestrado, 1999, p. 16.
31. Cf. Manuela Hasse, in Vítor Costa, *Op. Cit.*, p. 380.
32. Cf. Moraes Rocha e Fernando Barreto, *Subsídios para a História da Educação Física na Casa Pia de Lisboa*, Lisboa, [s.e.], 1987, p. 31.
33. Cf. *Revista de Sport*, 30 de Novembro, 1903, p. 2.
34. Em 1882 recebe o título de Real.
35. Cf. José Pontes, *Quase um Século de Desporto*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1934, p. 3.
36. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 191.
37. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 250.

38. Cf. Elvira Guerra in Manuela Hasse, *O Divertimento do Corpo – Corpo, lazer e desporto na transição do século XIX para o século XX, em Portugal*, Lisboa, Editora Temática, 1999, p. 237.
39. Cf. Augusto Filipe Simões, *Erros e Preconceitos da Educação Phisica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, p. 134.
40. Cf. António Menezes, *O Gymnasta*, 15 de Novembro de 1878, p. 3.
41. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 32.
42. Augusto Filipe Simões, *Op. Cit.*, p. 138.
43. Cf. 43 Cf. Jorge Crespo, *Op. Cit.*, p. 566.
44. Cf. Antero de Quental, in João Medina, *História de Portugal – Dos tempos pré-históricos aos nossos dias – Portugal Liberal II – Monarquia Constitucional I*, Amadora, Sape, 2004, 286.
45. Cf. Francisco de Mello Franco, *Op. Cit.*, p. 27.
46. Cf. Joel Serrão, “Decadência”, *Dicionário de História de Portugal*, vol. 2, Porto, Livraria Figueirinhas, [s.d.].
47. Cf. Irene Maria Vaquinhas, “O conceito de «decadência fisiológica da raça» e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX / princípios do século XX)”, *Revista de História das Ideias* – vol. 14 - Coimbra, [s.e.], 1992, p. 370.
48. Cf. Carlos Alberto de Lima, *Melhoramento da Raça pelo Exercício Phisico*, Porto, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1891, p. XXV.
49. Cf. *Diário Ilustrado*, 20 de Março de 1894, p. 1.
50. Cf. Solrac-Cavitos, *Sport* (1894), 12 de Fevereiro de 1897, p. 1.
51. Cf. Etraud, *A Tarde*, 10 de Fevereiro de 1894, p. 3.
52. Cf. *Tiro Civil*, 5 de Julho de 1903, p. 1.
53. Cf. Irene Maria Vaquinhas, *Op. Cit.*, p. 368.
54. Cf. Pinto da Cunha, *Tiro Civil*, 5 de Agosto de 1903, p. 3.
55. A Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar irá colocar em prática a ideologia corrente no século XIX – a instituição da ginástica como disciplina obrigatória com vista ao desenvolvimento físico da nação. Tratava-se da instauração de uma política desportiva nacional que visava, fundamentalmente, o culto metódico da educação física através da ginástica.
56. Cf. Ricardo Serrado, “O desporto moderno entre 1902 e 1910”, *História do Futebol Português – Uma análise social e cultural – Das origens ao 25 de Abril*, Lisboa, Prime Books, 2010, pp. 64-66.
57. Cf. Vítor Costa, *Op. Cit.*, 1999.
58. Cf. “Desporto”, *Focus, Enciclopédia Internacional*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1965.
59. Cf. Huizinga, *Homo Ludens*, Lisboa, Edições 70, [1938], p. 29.
60. Como entre outras, a separação que o autor faz da biologia e da cultura; ou a relação que estabelece entre o jogo e o metafísico.
61. Cf. Roger Cailllois, in Manuel Sérgio, *Para uma Nova Dimensão do Desporto*, Lisboa, Instituto Piaget, 2003, p. 264.
62. Cf. “Jogo”, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001.
63. Cf. Kant, in Manuel da Costa Freitas, “Jogo”, *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa-São Paulo, Editorial Verbo, [s.d.].
64. Cf. “Jogo”, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001. “Jogo”, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Horizonte, [1977].
65. Cf. “Jogo”, *Dicionário de Língua Portuguesa Recopilado*, Lisboa, Typografia Lacerdina, 1813.
66. Cf. “jogo”, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2003.
67. José Pedro Machado, “desporto”, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Horizonte, [1977].
68. Cf. António Moraes Silva, “Depórte”, *Dicionário de Língua Portuguesa Recopilado*, Lisboa, Typografia Lacerdina, 1813.

69. Cf. Henrique Brunswich, “Sport”, *Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editora Francisco Pastor, 1899.
70. Cf. Cândido de Figueiredo, “Sport”, *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, Lisboa, Livraria Editora Cardoso e irmão, 1899.
71. Cf. F. J. Caldas Aulete, “desporto”. *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1925.
72. Cf. Cândido de Figueiredo, “desporto”, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Venda Nova, Bertrand, 1996.
73. Cf. “Desporto”, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2003.
74. Cf. “Esporte”, *Michaëlis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1998.
75. Cf. “Desporto”, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo, 2001.
76. Cf. Cândido de Figueiredo, “desporto”, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Venda Nova, Bertrand, 1996.
77. Cf. Vários autores, *História do desporto*, Vila Real, SDB-UTAD, 2011, p. 27.
78. Cf. José Vilarinho, *Espadas e Floretes*, Lisboa, [s.n.], 1993, p. 5.
79. Cf. *Sport Velo*, 14 de Janeiro de 1897 p. 3.
80. Cf. Luís Trindade, “A imagem do sportsman e o espetáculo desportivo”, *Uma História do Desporto – Corpo, espaços e media...*, p. 126.
81. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 126.
82. Cf. Vítor Costa, “O desporto e a sociedade em Portugal entre finais do século XIX e inícios do século XX”, *Ibidem*, p. 84.
83. Cf. *Jornal da Noite*, 26 de Abril de 1905; Vítor Costa, *Ibidem*, p. 84.
84. Cf. Luís Trindade, *Op. Cit.*, p. 125.
85. Cf. Idem, *Ibidem*, p. 131.
86. Cf. Vítor Costa, “O desporto e a sociedade em Portugal entre finais do século XIX e inícios do século XX”, *Ibidem*, p. 75.
87. Cf. *Revista de Sport*, 5 de Julho de 1903, p. 1.
88. Cf. Félix Bermudez, *Sport Velo* (1897), 14 de Janeiro de 1897, p. 3.
89. Cf. Vítor Costa, “O desporto e a sociedade em Portugal entre finais do século XIX e inícios do século XX”, *Ibidem*, p. 85.

ABSTRACTS

Desporto e jogo são dois conceitos proeminentes na contemporaneidade, cujos limites epistemológicos se tocam e se confundem. São dois conceitos com fortes ligações, que durante séculos significavam mais ou menos a mesma coisa – divertimento –, mas que no século XIX sofrem uma autonomização que nos obriga a procurar os limites conceptuais de cada um.

Este trabalho visa, precisamente, distinguir o conceito de desporto do de jogo. Ao analisar o surgimento do desporto moderno português no último quartel do século XIX, num contexto de profundo sentimento de decadência da “raça”, estudando os objectivos para que foi criado e as funções que foi adquirindo, chegamos à conclusão de que o conceito de desporto se vai distanciar do conceito de jogo devido à dimensão medicinal que vai ganhar com vista a regenerar a “raça”.

O jogo, por seu turno, ao contrário do desporto, vai manter em definitivo a sua função meramente lúdica, sem o objectivo de interferir na “vida real” ou no robustecimento do corpo social.

Sport and game are two main concepts in the contemporary world, with similar and comparable epistemological boundaries. As a matter of fact, they are two concepts with strong connections between them, which used to mean more or less the same thing until the XIX century: recreation. Those two ideas suffered then an empowerment that forces us to seek the conceptual boundaries for each one. This work aims, precisely, to analyse how those concepts assumed different meanings. Establishing the origins of Portuguese modern sport in the last quarter of the XIX century, in a context of a deep feeling of “race” decadence, we could study the goals for which it was created and the functions that it was supposed to accomplish. This allowed us to conclude that the concept of sport acquired a clinical dimension, as it was considered essential to regenerate the “race”, which will separate it from the concept of game, as this one kept its ludic function, with no explicit commitment with intentions to interfere in “real life” or in the strengthening of the social body.

INDEX

Keywords: sport, hygiene, public health, body, physical education

Palavras-chave: desporto, higiene, saúde pública, corpo, educação física

AUTHOR

RICARDO SERRADO

Doutorando em História e Teoria das Ideias, FCSH, UNL.

Nasceu em Lisboa em 1980. É licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e doutorando em História e Teoria das Ideias pela mesma faculdade. Desde 2008 que incide os seus estudos na história do desporto, tendo já publicado um conjunto de obras e artigos científicos sobre a temática, nomeadamente os livros: *História do Futebol Português – Uma análise social e cultural* e *O Estado Novo e o Futebol*, entre outros. Desde 2013 trabalha na sua tese de doutoramento, intitulada *Corpo e Mente na Europa Contemporânea – Para uma epistemologia do desporto*. É investigador do CHAM.

Was born in Lisbon in 1980. He has a degree in History, by the Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, an MA in Contemporary History by the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, and he's a PhD student in History and Theory of Ideas by the same Faculty, since 2013. His thesis deals with the ideas of mind and body in Contemporary Europe in order to establish an Epistemology of Sports. He has already published several works and scientific articles on the History of Sports, as the books: *História do Futebol Português – Uma análise social e cultural*; and *O Estado Novo e o Futebol*. He's a researcher in CHAM.